

Thompson: controvérsias e contribuições

Apresentação

ARMANDO BOITO JR.*

Em 2013, comemorou-se o cinquentenário do lançamento da obra mais conhecida e influente do historiador britânico E. P. Thompson, *A formação da classe operária inglesa*, título da tradução brasileira para o original *The Making of the English Working Class*. Essa efeméride ensejou a realização de seminários e debates a respeito dos trabalhos de Thompson entre os intelectuais críticos brasileiros.

Dada a importância da obra de Thompson, *Crítica Marxista* decidiu organizar um pequeno dossiê sobre o assunto. Convidamos dois colaboradores da nossa revista e um intelectual espanhol, todos estudiosos da obra de Thompson e dos temas abordados por esse autor, para escreverem textos que contemplem diversos aspectos do trabalho do historiador inglês. Procuramos compor um quadro variado, tanto no que respeita aos enfoques teóricos adotados pelos autores quanto no que tange aos temas tratados.

Como se sabe, a obra de Thompson, suas pesquisas históricas e suas teses teóricas não são acolhidas de modo consensual ou pacífico no campo crítico e socialista, por diversas razões.

* Professor de Ciência Política da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: armando.boito@gmail.com

Thompson entretinha uma relação ambivalente com a teoria marxista. Isso não resultou do fato de ele ter proposto inovações num campo que, supostamente, estaria estagnado pelo dogmatismo. Muitos intelectuais e dirigentes socialistas do século XX produziram conceitos inovadores, levantaram problemas novos, fundaram variantes específicas dentro do marxismo, mas se mantiveram, por suas próprias declarações, dentro da longa e heterogênea tradição marxista. Thompson, diferentemente, relutava em se assumir como marxista. Ele construiu sua obra criticando o marxismo, embora, simultaneamente, incorporasse problemas e conceitos dessa tradição.

Ademais, o historiador inglês procurava a polêmica de modo apaixonado e militante. Voltou-se, em seu livro intitulado *A miséria da teoria*, contra a obra de Louis Althusser, e o fez num estilo taxativo e eivado de intenções demolidoras. Para os admiradores do seu trabalho, esse livro teria, de fato, demolido aquele que seria o teorismo da escola althusseriana; para os seus críticos, no entanto, o livro pecou pelo excesso, passando muito rapidamente por um grande número de temas complexos e contrapondo, ao autor criticado, soluções simplificadoras que terminavam por recusar a própria teoria e por apresentar o empiricismo como guia para a pesquisa histórica. Quanto ao livro *A formação da classe operária inglesa*, este parte da rejeição da distinção entre “classe em si” e “classe para si”, tão cara ao Lukács de *História e consciência de classe*. Outros autores marxistas fizeram a crítica dessa distinção, mas a particularidade da crítica thompsoniana consistiu em colocar no lugar da distinção “classe em si” e “classe para si” a tese da formação da classe operária como acontecimento singular. Para os admiradores de sua obra, essa operação abriu um novo terreno para a pesquisa histórica; já para seus críticos, tal operação fez que o movimento operário fosse concebido como um fato histórico indeterminado e fortuito e para o qual deixaria de ter sentido a distinção entre movimento operário reformista e movimento operário socialista. Em suma, a sua obra obteve repercussão e despertou juízos muito contraditórios.

O primeiro texto deste dossiê, de autoria de Pedro Benítez Martín e intitulado “Thompson *versus* Althusser”, examina, tomando em consideração tanto as intervenções teóricas de Thompson quanto a sua pesquisa histórica, três aspectos fundamentais da crítica do historiador inglês ao marxista francês: a função da teoria na pesquisa histórica, a questão do materialismo histórico e a polêmica em torno da tese do anti-humanismo teórico de Louis Althusser. No que diz respeito às duas primeiras questões, Martín entende que Thompson, ao criticar aqueles que seriam os desvios teoristas de Althusser, incorre numa concepção empiricista do trabalho do historiador, que ficaria reduzido a “indagar os fatos”, renunciando assim a qualquer marco teórico para a análise das sociedades. Quanto à questão do anti-humanismo teórico, que envolve o problema da relação entre determinação e liberdade na ação humana, Martín faz duas reprovações a Thompson. Em primeiro lugar, critica-o pelo fato de não ter compreendido a tese de Althusser que –

destaca Martín – distinguiria entre “sujeito da história” e “sujeito na história”. Em segundo lugar, critica Thompson porque este teria incorrido, ao recusar a tese de Althusser, numa visão do processo histórico que Martín considera moralista. Ao longo do seu texto, o autor espanhol indica uma bibliografia muito útil para os interessados em aprofundar os assuntos abordados.

O segundo artigo, de autoria do historiador argentino Nicolás Iñigo Carrera e intitulado “A lacuna entre E. P. Thompson e Karl Marx”, sustenta a tese segundo a qual a definição de classe social de Thompson afasta-se, a despeito das aparências, do conceito de classe social utilizado por Marx. Carrera entende que o abandono da distinção entre “classe em si” e “classe para si” leva o historiador inglês a uma concepção culturalista da formação da classe operária. A noção de experiência apresentada por Thompson como elemento fundamental no processo de formação da classe operária deixaria de lado – não no nível abstrato da formulação do conceito, mas na sua aplicação no livro *A formação da classe operária inglesa* – as condições objetivas nas quais vivem os trabalhadores. Ainda segundo Carrera, outro problema do livro *Formação da classe operária inglesa* é que ele trataria muito mais da história de indivíduos e de pequenos grupos políticos e religiosos que da história da luta da massa operária. O livro registraria também muito mais o que os protagonistas dizem que aquilo que eles efetivamente fazem. Carrera entende que, nesse aspecto, o *Formação da classe operária inglesa* está aquém daquilo que o próprio Thompson fez quando postulou a “economia moral da multidão” e pesquisou as “revoltas da fome” no século XVIII.

O terceiro artigo do dossiê, de autoria de Antonio Luigi Negro e intitulado “E. P. Thompson no Brasil: recepção e usos”, trata da influência da obra de Thompson na historiografia brasileira. É um texto que oferece ao leitor um panorama geral dos trabalhos realizados em instituições universitárias de Campinas, São Paulo, Rio de Janeiro, Niterói e Salvador sob a influência do historiador inglês. A bibliografia citada chama atenção pela variedade de temas e de usos que os historiadores brasileiros fizeram, de maneira explícita ou não, da obra de Thompson. Negro, que é historiador e valoriza a contribuição de Thompson, considera que as pesquisas produzidas pelos historiadores brasileiros citados trouxeram grande contribuição e contrastam com boa parte do que vinha sendo feito como pesquisa histórica no Brasil.

Um autor polêmico só poderia ensejar um dossiê polêmico. Nosso projeto inicial previa quatro textos para que a polêmica ficasse mais satisfatória, mas, infelizmente, um dos textos previstos não foi concluído. Acreditamos, contudo, que os três textos que compõem este dossiê são suficientes para justificar sua publicação e mobilizar intelectualmente os leitores de *Crítica Marxista*.